Esmeraldina Agra

Lágrimas de Saudade

Capa: Fazenda Tanques Grandes, onde nasci no dia 12 de abril de 1914.

INTRODUÇÃO

Juntei as lágrimas de minhas saudades, as raízes de minha memória, a essência de minha lembrança, os lírios de pureza da verdade e fiz a tinta onde molhei a pena para escrever o resumido "Roteiro" dos meus ancestrais, dedicado aos meus filhos, netos e bisnetos.

Estou sozinha e sozinha, no culto silencioso de minha alma, examino os alicerces das minhas doces recordações que não envelhecem e, neste momento de evocação e saudades, ligo o passado ao presente e revejo minha Mãe, sentada em uma rede de belíssimas varandas, em uma das grandes salas da nossa residência secular, na majestosa Fazenda Tanques Grandes, então município de Campina Grande, transmitindo para os filhos, com nobreza e altivez, a árvore genealógica dos nossos ascendentes.

Todos nós, neste Brasil de escassos arquivos, nos apegamos um pouco às páginas desse livro sem folhas que se chama Tradição, e as belas palavras de minha Mãe, dirigidas pelo seu cérebro iluminado, se iam gravando em meu coração e em minha memória e os nomes desses ascendentes que ela honrava e cultivava com amor e carinho, esses "heróis" como ela os classificava, das famílias Costa Agra, Alenquer ou Alencar, Gonçalves Agra e outras a elas vinculadas, jamais desapareceram do meu pensamento e das minhas doces e perenes recordações. E como o amor aos meus antepassados faz parte da minha vida, acho necessário conhecer-lhes as raízes, lembrando as palavras de São Paulo aos Tessalonicenses: "Assim, pois irmãos, ficai firmes e conservai as tradições que aprendestes seja por palavras, ou seja por escrito". (II Epístola aos Tessalonicenses, capítulo 2, versículo 15).

O que deixo impresso nestas linhas traz, apenas, o caráter de simples registro.

O estudo da Árvore Genealógica da minha família está a espera de quem, um dia, lhe sacuda a poeira secular. Em seu histórico existe muita luz oculta, aguardando um dos seus ilustres familiares para, com sua pena libertadora de intelectual, imortalizar a origem da nossa gente. Os meus apontamentos não correspondem, de modo algum, ao meu ardente desejo. Falta-me um estilo elegante que, por falta de uma cultura aprimorada, não me permite ir mais além em meus humildes escritos. É a minha justificativa, que considero justa. Portanto, nestas linhas, focalizo alguns vultos de valor da minha família, que se destacaram no Brasil nos séculos XVIII, XIX e XX, desejando que a minha pálida explanação encontre alguma ressonância entre meus familiares, isto porque minhas palavras são desprovidas de colorido e de português correto, mas são assentadas nos pilares da verdade. Espero que eles valorizem o conteúdo escrito por uma velha Mãe, Avó e Bisavó que sempre colocou, em primeiro plano, a transmissão da sua própria Mãe, Leonília Agra de Souza Campos.

É uma breve história com humildes palavras e muito afeto.

ROTEIRO DA FAMÍLIA AGRA

AGRA - Cidade da Índia

Agra, a Cidade Imperial, foi fundada por Akbar, o Grande. Capital do Império Mongol durante um século, gozou de um prestígio e de uma prosperidade sem par na sua época.

Lá pelos anos de 1440, Houmayoun, segundo sultão mongol, tomou a cidade e recebeu em penhor de fidelidade da viúva do Rajá Gwalior um presente fabuloso: o brilhante Koh-i-nor, que hoje fulgura na coroa da Inglaterra. No tempo de Akbar, o maior imperador muçulmano que a Índia conheceu, o esplendor de seus palácios ultrapassou tudo quanto havia na época.

Agra é grande e populosa, toda de pedra, e fica ao pé de um rio. Akbar, contemporâneo da rainha Elizabeth I da Inglaterra, foi o verdadeiro construtor do Império Mongol. Cobriu-se de glórias, contadas nos poemas gravados sobre o mármore do seu túmulo. Os poemas são escritos na língua persa e formam lindos desenhos no mármore. No portal lê-se "Allah Akbar - Julba Jahakn", ou seja, "Allah é Grande e esplêndida é a Sua Glória". Na cidade de Agra está o fabuloso Taj-Mahal, transcrito no livro "Marajás, Beduínos e Faraós", de Carmem Annes Dias Prudente.

Foi na Cidade de Agra que emigrou para a cidade de Guimarães, em Portugal, e depois veio para o Brasil, em 1750, o engenheiro hindu Dr. Bernardo da Costa Agra, a convite da coroa portuguesa para pesquisar o rio São Francisco. Foi ele sesmeiro nas Províncias de Pernambuco, Alagoas e Bahia.

"De todos os exercícios do espírito, o mais útil é o de transmitir à posteridade os feitos dignos de memórias", diz um historiador latino.

No grupo antropológico Costa Agra e seus entrelaçados, Alencar, Gonçalves, Campos e outros, há material bastante para minudentes informações.

São famílias que vêm de longe e vão para longe para quem quiser estudá-las e trazer à tona, um passado para tirar lições para o futuro. O passado, segundo Fernand Brandel, "não é um cemitério nem um depósito. Será o alicerce, a base de tudo que aspire durar". Chama-lo-íamos um arsenal, onde repousam armas formidáveis que, ao espírito menos ágil, parecem superadas mas, às vezes, supreendentemente, se vibradas na hora exata, são capazes de definir um época e assinalar uma cultura. A incompreensão do Presente nasce, fatalmente, da ignorância do Passado.

Estas famílias acima citadas, de fino trato no seu nascedouro, de nobre linhagem hindu, portuguesa, alano e suevo, estão espalhadas em todas as partes do Brasil, com relevo especial nos estados da Paraíba, Ceará, Alagoas, Pernambuco e Piauí.

O ponto inicial dos Costa Agra, os genearcas principais aqui no Brasil, foram: o engenheiro hindu Dr. Bernardo da Costa Agra; o português, capitão comandante do navio Flores do Pageú, Luiz da Costa Agra e o filho deste, Dr. José da Costa Agra; o tenente-coronel Claudino da Costa Agra; o fidalgo da casa real José Francisco Gonçalves Agra; o tenente-coronel Manoel Gonçalves Agra e o seu filho, Dr. Zeferino da Costa Agra; o tenente-coronel João Francisco da Costa Agra, além de muitos outros.

Esses varões, com a grandeza do seu trabalho, a sua capacidade administrativa, a sua bravura dos leões e a sua coragem dos destemidos, navegaram de Portugal para o Brasil, enfrentando um futuro incerto e duvidoso, guiados pelos faróis da Fé e da Esperança que não morre. Chegados na nova pátria, traçaram as diretrizes e, a seguir, se dividiram, indo para diferentes locais. Alguns ficaram na metrópole do país, outros nas províncias do Ceará, Pernambuco, Alagoas e, posteriormente, na Paraíba do Norte.

E, com três séculos de tradição, essa raça de fortes ainda hoje atua e se destaca em todas as partes do Brasil, seja na política, na advocacia, no comércio, na indústria, na medicina, na engenharia e na agricultura, com destaque especial na pecuária e no magistério, dando sua valiosa contribuição ao país, deixando, de geração em geração, um patrimônio de nobreza, caráter, inteligência, dinamismo e capacidade administrativa e econômica, com raríssimas exceções...

Nós, seus descendentes, canonizamos os seus méritos prestando uma homenagem sincera àqueles que legaram um tesouro de raras virtudes à posteridade.

Todo papel seria pouco para descrever o histórico desta família. Sendo assim deixo, nestas páginas, apenas resumidos apontamentos que são frutos dos esforços de minha boa vontade. Minha boa memória é fecunda e possui amplo conteúdo. No entanto, faltam-me as expressões necessárias e oportunas para desempenhar, com brilhantismo e maior colorido, o histórico do presente assunto. Escrevo, apenas, para movimentar o pensamento e preencher a solidão imposta pelo destino. Enfrento as trevas de minha alma com minha fiel confidente e companheira, a Pena, passando para o papel o que tenho guardado no arquivo da minha memória e reconhecendo que o meu coração é uma eterna saudade e todo o meu ser, uma melancolia.

OS AGRA NO BRASIL

Há, em Portugal Continental, 49 lugares com o nome **Agra**, inclusive o cemitério Agra-Monte na cidade de Porto. Como o nome da família é pouco vulgar, em geral é apelido moderno e tirado do lugar de nascença das pessoas que o adotaram como homenagem ao sítio em que nasceram.

Existe em Portugal a Quinta do Agra situada na freguesia de São Torquato, no Conselho de Guimarães. Portanto, fica bem explicado que a família Agra adotava, como era costume, o sobrenome Costa Agra, Gonçalves Agra em homenagem ao sítio de onde eram oriundos. Costa - português do outro lado da costa e existe em Portugal a Vila da Costa, no Ducado de Guimarães. Daí, viemos os Costa Agra para o Brasil.

José Francisco Gonçalves Agra, fidalgo da Casa Real, comendador da Ordem de Nossa Senhora de Vila Viçosa, a quem El-Rei deu a carta de Brasão de Armas, a ele e aos seus descendentes, veio de Portugal, fixou residência no Rio de Janeiro, onde formou imenso patrimônio e deixou seus descendentes. Está sepultado no Rio de Janeiro no Cemitério do Catumbi, no bairro do mesmo nome, na capela nº 8.

OS ALENCARES OU ALENQUERES DE PORTUGAL

O destino é rico de imprevistos. Por isto, no que se segue darei as explicações necessárias porque a família Costa Agra e Pereira de Alencar, por força do Amor, através dos casamentos entre ambos, tornou-se uma só árvore, com muitas ramificações. Antes, porém, quero focalizar a origem da família Alencar, também vinda de Portugal para o Brasil na mesma época em que aqui chegou a família Agra

> *"... o nome ilustre a um certo amor abriga e faz a quem o tem amado e caro".*

"Quando os Alanos, juntamente com os Suevos invadiram a antiga Lusitânia, nos começos do século V, tomaram, para sí, uma pequena povoação e erigiram, na mesma, uma praça forte à qual deram o nome de *Alan-Kerk*. Esta pequena povoação seria, mais tarde, a Vila de Alencar, cabeça de comarca e pertencente ao distrito de Lisboa, da qual dista quinze quilômetros. Alan-Kerk é expressão do germânico antigo e bárbaro, trazida a Portugal pelos Alanos e significa Templo dos Alanos.

Alan-Kerk, Alenquer, Alencar, eis a evolução semântica do vocabulário através dos tempos.

Era uso entre os Alenqueres de Portugal e mesmo os do Brasil, a grafia *Alenquer* ou *Alencar*, indistintamente".(1) Houve, por exemplo, o Marquês de Alenquer, o piloto Pero de Alenquer, nascido na cidade do mesmo nome, de cuja intrepidez e inteligência nos fala o seu conterrâneo Damião de Gois, apontando-o como "homem mui esperto nas causas do mar". Alenquer, pois, foi a pátria dos Alencares ou Alenqueres, que mergulham a sua origem na nobreza feudal da Idade Média.

Descendentes deles foi Dorotéa de Alencar, casada com Martinho Pereira do Rêgo, ambos naturais da cidade de Viana, de onde passaram a residir na freguesia de Frexeiro, Arcebispado de Braga, Portugal. O casal teve, ali, quatro filhos que foram: Leonel Pereira de Alencar Rêgo, João Francisco de Alencar Rêgo, Alexandre Pereira de Alencar e Marta Pereira de Alencar, que seriam, mais tarde, os troncos da família Alencar, hoje espalhada em todo o Brasil, a quem tem dado os vultos mais notáveis nas letras, na política e nas armas.

Leonel Pereira de Alencar Rêgo e seus irmãos no Brasil (meu 7° avô)

Mais ou menos na oitava década do século XVII, emigrados de Portugal por motivos políticos, - ideal predileto dos Alencares em Portugal e no Brasil - ou talvez,

---

(1) Pe. Antonio Gomes de Araújo. Caderno de Cultura 1.

apenas, por outros motivos de ordem pessoal, aportaram na cidade do Salvador, na Capitania da Bahia de Todos os Santos, o Capitão-Mor Leonel Pereira de Alencar Rêgo e seus irmãos Alexandre, João Francisco e Marta Pereira de Alencar, todos portugueses, naturais da Freguesia de Frexeiro, Arcebispado de Braga. Em busca de um lugar para se instalarem, definitivamente, rumaram para o sertão e atravessaram o Rio São Francisco, mais ou menos nas imediações da atual cidade de Juazeiro da Bahia. Localizaram-se, então, às margens do Riacho da Brígida, da então Capitania de Pernambuco.

Leonel casara-se na cidade do Salvador com a baiana D. Maria da Assunção de Jesus, filha legítima dos baianos da dita cidade, Antonio de Souza Goulart e de sua esposa Maria da Encarnação de Jesus. Foi Leonel, o primeiro fundador, na ordem cronológica, de um núcleo social ou fazenda no atual município de Exú - PE com o nome *Caiçara*, que se tornaria, até hoje, propriedade hereditária da família e célula primeira do aludido município. Era fazenda de gado vacum em terras arrendadas à casa da torre, então pertencentes ao coronel Dias d'Ávila, fundador daquela casa ou morgado. Conforme documentos ainda hoje existentes, em 25 de junho de 1742 e 26 de julho do mesmo ano, respectivamente, pagava Leonel ao coronel Francisco Dias d'Ávila, a importância de 38$080, por conta do arrendamento da referida fazenda que passaria, mais tarde, à sua propriedade.

O ten. Cel. Leonel Pereira de Alencar foi possuidor de outras fazendas no rincão exuense. Entre elas, a de Araripe que passaria, por herança, ao seu neto Gualter Martiniano Pereira de Alencar Araripe, Barão de Exú. De Leonel e sua mulher nasceram diversos filhos, entre os quais Joaquim Pereira de Alencar, que se casou com a rica fazendeira Teodora Rodrigues de Abreu, herdeira da fazenda Várzea Comprida, no Riacho da Brígida, e se tornariam um dos troncos da família Alencar no Brasil. Deste casal sou descendente em linha direta. De Joaquim e Teodora são os filhos: Leonel Neto, Bárbara (a heroína), Luiz, Serafim, Inácia, Josefa, Antônia, Genoveva e Iria Francisca Pereira de Alencar (esta é minha 4ª avó).

Os Agra fundiram-se com a família Alencar pelo casamento do português Dr. José da Costa Agra com Iria Francisca Pereira de Alencar. O Dr. José da Costa Agra, o *Coimbrão*, como era conhecido porque se formara em Ciências Jurídicas na Universidade de Coimbra - Portugal. Era filho do Capitão Luiz da Costa Agra, Comandante (em 1770) de Flores do Pajeú e da famosa Índia Brígida.

O clã Alencar, do Brígida, constituía um escol mental incomum para o tempo e espaço em que se confinava. O Dr. José da Costa Agra e D. Iria Francisca Pereira de Alencar viveram em grande opulência, qual verdadeiros nababos antigos e residiam na fazenda Tabuleiro Alto, no Riacho da Brígida, além de passarem as grandes festas no Recife, onde possuíam valiosos sobrados. No Seminário de Olinda, estudaram seus filhos varões. Deixaram os seguintes filhos:

1. Padre José da Costa Agra, vigário de Cabrobó em 1817.

2. Padre João Martiniano da Costa Agra, preso, com seu irmão Manoel por ocasião da Revolução Caririense em 1817.

3. Ricardina (senhora) casada com José Ribeiro Granja.

4. Ten. Cel. Martinho da Costa Agra, casado com Josefa Maria do Carmo Alves Viana. Foi o fundador de Leopoldina, atual Parnamirim - PE.

5. Capitão Francisco de Alencar da Costa Agra, casado com Rita Maria da Conceição Alves Viana, irmã de Josefa e filhas do Capitão-Mor Bento José Alves Viana.

6. Manoel da Costa Agra.

Brígida

Brígida de Carvalho, senhora latifundiária nos sertões de Pernambuco morreu solteira e criou, como filha adotiva, uma índia, a quem educou em Portugal. Essa índia foi sua herdeira universal dos bens e do nome. Casou-se essa índia, conhecida por Quinquina, com o português Comandante Luiz da Costa Agra, que são os pais do Dr. José da Costa Agra.

INÍCIO DA FAMÍLIA AGRA EM CAMPINA GRANDE

Nas páginas anteriores focalizei os alicerces das duas famílias Agra e Alencar que, através dos casamentos, tornaram-se a mesma árvore genealógica, tendo como ponto inicial desses enlaces no Alto Riacho da Brígida, nas então vilas de Exú, Cabrobó, Bodocó, Granito, Parnamirim, antiga Leopoldina, no sertão pernambucano, estendendo-se até Juazeiro da Bahia e Barbalha no Ceará.

Com estas considerações, eu, com pouca ilustração, sem nenhum colorido, pois, nunca freqüentei o país da Gramática, eternizo, nestas pálidas linhas, alguns apontamentos sobre minha gente, particularizando meus extremosos pais, avós, bisavós e trisavós. À falta de talento busca recursos no coração. Vamos focalizar alguns vultos da família Alencar da Costa Agra, que se destacaram neste município de Campina Grande. Para vermos estes referidos apontamentos, peregrinei pelos carcomidos arquivos dos Cartórios, pesquisando, solicitando informações para tirar minhas dúvidas, fazendo uma cruzada bendita de buscar a verdade para oferecê-la à posteridade.

Conheço que é obscuro o meu trabalho de pesquisadora do gênesis da minha família; obscura também é a pedra que constrói os alicerces das grandes edificações; obscuro ainda é o germe que inicia o processo da vida...

Não há história sem documentos. Diz o escritor Epaminondas Câmara em seu livro *Datas Campinenses*, página 23 que, Campina Grande em 1790 talvez não contasse com cem casas. Casas não, casebres e mocambos no largo da Igreja, na rua do Meio, no sítio da Igreja e nas Barrocas.

Vila durante setenta e quatro anos, Campina Grande sempre esteve em plano inferior à muitas das suas congêneres paraibanas, sob o ponto de vista arquitetônico. Mesmo quando cidade, era, ainda, no século passado, uma das mais mal edificadas.

Ao tempo de povoação e de vila, se, por um lado, era atraente ponto natural de convergência de boiadeiros e tropeiros, não o era em relação aos senhores de engenho e fazendeiros das circunvizinhaças. Como centro social e, até certo ponto, como centro político-municipal, só o foi depois que as famílias se fracionaram em liberais e conservadores e quando, na vila, já moravam professores e doutores.

As idéias liberais ou revolucionárias estavam sendo pregadas, do púlpito, para as fazendas e engenhos. Novos elementos da lavoura e da pecuária foram se infiltrando na política municipal, a ponto de, em poucos anos, contrabalançarem a influência, já menos absorvente, da família Santa Rosa. Aumentava, de maneira sensível, o número de casas de farinha e de fazendas de gado, sendo interessante observar-se que, no Agreste, a pecuária estava cedendo lugar à agricultura.

No século XIX, Campina Grande era, na época, a única localidade paraibana da qual partiam cinco daquelas estradas - a mais bem servida aliás - e a que reunia a mais abundante feira de gado. O cultivo do algodão, por sua vez, ao lado da pecuária, constituíam a *vida própria* dos povoados da zona pastoril.

Foi no início do século XIX, no ano da graça de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil oitocentos e dezesseis, que chegou a Campina Grande, o primeiro varão da família Agra, Capitão Francisco de Alencar da Costa Agra ou simplesmente Francisco da Costa Agra, filho do português Dr. José da Costa Agra e Iria Francisca Pereira de Alencar. Residiam na fazenda *Tabuleiro Alto*, no Riacho da Brígida, no sertão pernambucano. Quero frisar que o Capitão Francisco de Alencar da Costa Agra e seus descendentes, foram os primeiros colonizadores deste município como o provam os abundantes documentos.

Francisco da Costa Agra, casado com a fidalga Rita Maria da Conceição, filha do português Capitão-Mor Bento José Alves Viana (sênior) fixou residência neste município na fazenda Pau-Ferro, 18 quilômetros distante da cidade, onde na ordem cronológica, foi o primeiro AGRA, que fundou, neste município, um núcleo social ou fazenda, que se tornaria um dos maiores patrimônios da família, com criação de gado vacum, agricultura de algodão, bolandeira, casas de farinha, senzala com inúmeros escravos e vastíssima residência.

A propriedade Pau-Ferro, data Domingos do Rêgo, foi adquirida por Francisco através de compra, além de outras fazendas anexas, onde, posteriormente, seria localizada sua numerosa família. E, sem nenhuma dúvida, foi a família deste patriarca que deu impulso à colonização do municipio, dando sua valiosa contribuição com o seu trabalho, capacidade administrativa, coragem e perseverança num futuro promissor.

Francisco de Alencar da Costa Agra e Rita Maria da Conceição tornaram esta família uma potência de muitos membros ilustres que se destacaram na política, na indústria, no comércio, na agricultura, na medicina, na engenharia, no magistério e, particulamente, na advocacia.

Pelo histórico que se segue, prova-se que a família Agra ocupou quase todo o território da zona do Agreste e da Caatiga. Vale salientar que, nas fazendas que organizaram, constava de bolandeiras de algodão, casas de farinha, imensos currais de gado vacum, cavalos, rebanhos de ovelhas, açudes de peixes, extensas senzalas, formando um verdadeiro ciclo agropecuário no município de Campina Grande.

O Capitão Francisco da Costa Agra e D. Rita Maria da Conceição foram pais de 11 filhos:

1. Tenente-Coronel Honorato da Costa Agra
2. Capitão José Francisco da Costa Agra
3. Francisca Hermelinda de Alencar Agra
4. Guilhermina de Alencar Agra

5. Henriqueta Francisca de Alencar Agra
6. Ana Maria de Alencar Agra
7. Maria Ermelinda da Costa Agra
8. Alexandrina de Alencar Agra
9. Jardelina Francisca de Alencar Agra
10. Luíza Maria de Alencar Agra
11. Maria da Costa Agra

1 - O Tenente-Coronel Honorato da Costa Agra nasceu no dia 24 de dezembro de 1816 na tradicional fazenda Pau-Ferro. Neto paterno do português Dr. José da Costa Agra (o Coimbrão) e Iria Francisca Pereira de Alencar, neto materno do Capitão-Mor Bento José Alves Viana e Rita Maria da Silva. Casou-se, em primeiras núpcias com a prima legítima Clara Pereira de Alencar, natural de Barbalha - CE, neta da heroína Bárbara de Alencar e prima do romancista José de Alencar. Só tiveram dois filhos:

1.1 - Bento da Costa Agra (meu avô)
1.2 - Maria de Alencar Giraldes Agra

Honorato e Clara fixaram residência na fazenda Sossego, anexa à fazenda Pau-Ferro do seu pai. Tendo Clara falecido ainda muito jovem, Honorato casou-se em segunda núpcias com sua outra prima Leocádia Lourenço Vaz Ribeiro, tendo os seguintes filhos:

1.3 - José Honorato da Costa Agra
1.4 - Honorato da Costa Agra Júnior
1.5 - Manoel da Costa Agra
1.6 - Bertolino da Costa Agra
1.7 - João da Costa Agra
1.8 - Angelina da Costa Agra
1.9 - Brasilina da Costa Agra
1.10 - Rosalina da Costa Agra
1.11 - Firmina da Costa Agra
1.12 - Brígida da Costa Agra

1.1 - Bento da Costa Agra (meu avô paterno) casou-se com a sua prima Francisca Maria Agra de Souza Campos. Fixaram residência na Magnífica fazenda Tanques Grandes, anexa à fazenda Pau-Ferro.

Foram seus filhos.

1.1.1 - Alfredo da Costa Agra
1.1.2 - Bento da Costa Agra Filho

1.1.3 - João da Costa Agra
1.1.4 - Josino da Costa Agra
1.1.5 - Feliciano da Costa Agra
1.1.6 - Honorato da Costa Agra Neto
1.1.7 - Pedro da Costa Agra
1.1.8 - Francisco da Costa Agra
1.1.9 - Maria Francisca da Costa Agra
1.1.10 - Angelina Agra Guimarães
1.1.11 - Luíza Agra Brandão

Ficando viúvo, o meu avô casou-se em segunda núpcias com Maria Catão e foram os pais de:

1.1.12 - Jardelina Agra
1.1.13 - Porfíria Agra Brandão (Tia Moça)
1.1.14 - Rita Agra Menezes
1.1.15 - Francisca Agra da Penha (Chiquinha)
1.1.16 - Francisca da Costa Agra Brandão (Yayazinha)

1.1.4 - Josino da Costa Agra, nasceu no dia 15 de janeiro de 1880 na fazenda Tanques Grandes. Batizou-se na fazenda Sossego no dia 29 de junho de 1880, sendo seus padrinhos o Tenente-Coronel Silvino Rodrigues de Souza Campos e Rosalina Agra de Souza Campos. Casou-se com Leonília Agra de Souza Campos no dia 30 de setembro de 1902. Ele faleceu a 21 de maio de 1956.

Leonília Agra de Souza Campos nasceu na fazenda Cabloco no dia 7 de novembro de 1884 e faleceu a 7 de julho de 1938 na fazenda Tanques Grandes. Era filha do Major Avelino Rodrigues de Souza Campos e Firmina da Costa Agra.

Minha mãe possuía tendências sérias e hábitos de ordem extrema. Sua vida foi o exemplo de seus ensinos. Pelos seus sábios escritos que deixou de legado para os filhos, prova-se a nobreza de sua alma e as luzes do seu espírito forte e elevado. Calma, porém, enérgica e dedicada, julgava tudo com justiça. Modelo de mãe, exemplo de esposa dedicada e leal, partilhava com meu pai de suas lutas, idéias e glórias.

Meu pai era dotado de grande inteligência. Não tinha cultura, mas guiava-o um raciocínio, uma lógica, uma grande prudência. Foi um padrão de nobreza, honestidade e trabalho. Grande fazendeiro rural, agricultor e criador. Formou grande patrimônio que administrava com elevada capacidade, sem nunca receber orientação de terceiros.

Quando meus pais - que eram primos carnais - casaram-se, fixaram residência na majestosa fazenda Tanques Grandes, na qual nasceram seus 12 filhos, dos quais 5 prematuros:

1.1.4.1 - Firmino da Costa Agra
1.1.4.2 - Maria das Neves Agra Cariri
1.1.4.3 - Raul da Costa Agra
1.1.4.4 - Laura da Costa Agra
1.1.4.5 - Agripino da Costa Agra
1.1.4.6 - Júlia da Costa Agra
1.1.4.7 - Esmeraldina da Costa Agra
1.1.4.8 - Eunice da Costa Agra
1.1.4.9 - Adélia da Costa Agra
1.1.4.10 - Maria do Céu da Costa Agra
1.1.4.11 - Neusa da Costa Agra
1.1.4.12 - José da Costa Agra

1.1.4.7 - Eu, Esmeraldina Agra Ramos nasci fazenda Tanques Grandes a 12 de abril de 1914. Sou filha de Josino da Costa Agra e Leonília Agra de Souza Campos. Fui batizada na Matriz de Campina Grande a 15 de julho de 1914, onde me casei com Herotides Ramos da Silva no dia 22 de outubro de 1933. Este era filho de Manoel Hortêncio da Costa Ramos e de Paula Ramos da Silva.

D. Passinha, como sou conhecida, carinhosamente, por todos em Campina Grande, fui alfabetizada na fazenda de meus pais, pela professora Jovina Neves.

Em Campina Grande, estudei o primeiro ano com Dona Noca. Fui, mais tarde, aluna do professor Mauro Luna, mas não cheguei a concluir o curso primário. Sou autodidata, pesquisadora e historiadora, tendo escrito 54 manuscritos que relatam assuntos diversos de minha preferência, como a História de Campina Grande, o Clã dos Agra, Genealogia de Algumas Famílias vinculadas aos Agra e as Memórias dos Filhos já falecidos.

Dentre minhas obras destacam-se:

* Família Agra - Raízes em Três Continentes
* Eu, a Justiça e os Advogados
* A História Religiosa de Campina Grande
* Selma, Minha Filha, Minha Saudade
* Este Chão Bordado de Estrelas
* Sol e Luar

Eu e Herotides somos os pais de:

1.1.4.7.1 - Eneida Agra Maracajá
1.1.4.7.2 - Maria Salete Agra Van der Poel
1.1.4.7.3 - Selma Agra Villarim

1.1.4.7.4 - Laécio Agra Ramos
1.1.4.7.5 - Leonília Maria Agra de Amorim
1.1.4.7.6 - Marcos Antonio Agra Ramos
1.1.4.7.7 - Maria José Agra Ramos
1.1.4.7.8 - Marcelo Agra Ramos
1.1.4.7.9 - Maria Lúcia Agra Ramos
1.1.4.7.10 - Paulo Roberto Agra Ramos

1.1.4.7.1 - Eneida Agra Maracajá, nascida em Campina Grande onde reside e é professora de Arte-Educação da UFPB. Pós-graduada em Educação de Adultos com tese defendida intitulada "O Teatro na Educação Popular". Idealizadora e diretora do Festival de Inverno de Campina Grande. Implantou o Circo da Cultura, atualmente administrado pela SEC. Foi diretora do Teatro Municipal Severino Cabral em duas gestões e Chefe do Departamento de Artes da UFPB. É membro do Conselho Internacional do Folclore e Artes Tradicionais - órgão da UNESCO e diretora da Rede Brasil de Promotores Culturais da Secção do Estado da Paraíba. A partir de 1991 criou o Festival Internacional de Folclore e o Bloco da Saudade, este, projeto que resgata a identidade cultural do carnaval. É detentora de comendas nacionais e internacionais nas áreas de dança e teatro.

Casou-se com o jornalista e escritor Robério Maracajá. São os pais de:

1.1.4.7.1.1 - Myrna Agra Maracajá

1.1.4.7.2 - Maria Salete Agra van der Poel, nascida em Campina Grande. É graduada e pós-graduada em Educação de Adultos. É autora do livro "Alfabetização de Adultos. Sistema Paulo Freire. Estudo de Caso Num Presídio" (Vozes, 1981). Escreveu em co-autoria com o sociólogo Cornelis Joannes van der Poel o livro "Prática Alfabetizadora de Jovens e Adultos e Construção da Nova Sociedade" (Grafset, 1993). Ensinou vários anos em educandários secundaristas de Campina Grande. A partir de 1968, dedicou-se ao ensino superior, primeiramente na atual UEPB de Campina Grande e, depois na UFPB em João Pessoa. É casada com o professor Cornelis Joannes van der Poel, nascido na Holanda e naturalizado brasileiro. São os pais de:

1.1.4.7.2.1 - Janhess van der Poel
1.1.4.7.2.2 - Naiche van der Poel
1.1.4.7.2.3 - Cornelis Joannes van der poel Filho

1.1.4.7.3 - Selma Agra Villarim, nascida em Campina Grande e falecida em João Pessoa a 02 de maio de 1973. Foi casada com o promotor de justiça Dr. Alcindor Villarim. São seus filhos:

1.1.4.7.1.3.1 - Arthur Mariano Villarim, casado com Ângela Borges Villarim. São seus filhos:

1.1.4.7.1.3.1.1 - Allen Borges Villarim
1.1.4.7.1.3.1.2 - Adriano Borges Villarim
1.1.4.7.1.3.1.3 - Allana Roberta Borges Villarim

1.1.4.7.1.3.2 - Aristarcho Villarim, casado com Lígia Carvalho Villarim, sem filhos.

1.1.4.7.1.3.3 - Junia Villarim, solteira

1.1.4.7.1.3.4 - André Villarim, casado, em primeiras núpcias, com Liana Pinto Villarim. São os pais de:

1.1.4.7.1.3.4.1 - Juliana Pinto Villarim
1.1.4.7.1.3.4.2 - André Villarim Júnior

Em segundas núpicias, André casou-se com Wilza Rodrigues Villarim, pais de:

1.1.4.7.1.3.4.3 - Andrea Willa Villarim

1.1.4.7.3.5 - Rochane Villarim, casada com Herbert Mesquita. São os pais de:

1.1.4.7.3.5.1 - Luís Mesquita
1.1.4.7.3.5.2 - Herbert Mesquita Filho

1.1.4.7.3.6 - Adriano Villarim, solteiro

1.1.4.7.3.7 - Alcindor Villarim Filho, casado com Karla Amaral Villarim.

1.1.4.7.4 - Laércio Agra Ramos, nascido em Campina Grande. Graduado em Direito pela UEPB de Campina Grande. Atualmente é professor da disciplina Direito Civil na mesma UEPB. É membro do Colegiado desta Faculdade e, por extensão, da Congregação dos Professores da Entidade. Coordenador do Curso de Direito, eleito, diretamente, por maioria de votos. É inscrito na OAB-PB sob o número 6203.

É casado com Ivone Silva Ribeiro. São os pais de:

1.1.4.7.4.1 - Ivson Ribeiro Agra, casado com Valéria Solano Menezes Agra. São pais de:

1.1.4.7.4.1.1 - Diego Solano Agra

1.1.4.7.4.1.2 - Lucyenne Ribeiro Agra, casada com Alexandre Menezes. São seus filhos:

1.1.4.7.4.1.2.1 - Ravi Menezes Agra
1.1.4.7.4.1.2.2 - Raíssa Menezes Agra

1.1.4.7.4.3 - Wendell Ribeiro Agra, Solteiro
1.1.4.7.4.4 - Layse Kylyan Ribeiro Agra, menor de idade.

1.1.4.7.5 - Leonília Maria Agra de Amorim, natural de Campina Grande. Formada em Licenciatura Plena em História, pós-graduada em História do Nordeste e em Formação Urbana do Nordeste. É mestre em Sociologia Rural com tese "O Boi Engolindo Gente: O Processo de Pecuarização Recente no Brejo de Areia - PB". Foi professora de vários educandários e da antiga FURNe. É professora da UFPB onde leciona disciplinas diferentes. Contribui com artigos para revistas e jornais de Campina Grande.

É casada com o médico Joaquim Amorim Neto. São seus filhos:

1.1.4.7.5.1 - Melânia Maria Amorim Peregrino de Carvalho, casada com André Filipe Peregrino de Carvalho. Pais de:

1.1.4.7.5.1.1 - André Filipe Peregrino de Carvalho Filho.

1.1.4.7.5.1.2 - Denise Maria Amorim de Albuquerque, casada com Mário Alberto de Albuquerque, sem filhos.

1.1.4.7.5.1.3 - Alexei Ramos de Amorim, solteiro.

1.1.4.7.6 - Marcos Antonio Agra Ramos, nascido em Campina Grande, onde faleceu a 12 de novembro de 1985. de sua união com Severina Cláudia de Macena, nasceram:

1.1.4.7.6.1 - Alana Agra de Melo, casada com Edjon Santos de Melo, sem filhos.

1.1.4.7.6.2 - Natan Agra, menor de idade.

1.1.4.7.7 - Maria José Agra Ramos, nascida em Campina Grande, onde faleceu, ainda criança em 10 de junho de 1944.

1.1.4.7.8 - Marcelo Agra Ramos, natural de Campina Grande. Obteve os títulos de Bacharel e Mestre em Engenharia Elétrica da UFPB. Ingressou no Departamento de Engenharia Elétrica da UFPB onde, atualmente, é Professor Adjunto IV. Paralelamente, com as suas atividades de ensino e pesquisa na UFPB, tem atuado como colaborador de jornais de Campina Grande. É autor de vários artigos científicos publicados em revistas do Brasil. Atualmente, com tese defendida de Doutorado em Engenharia Elétrica, na UFPB, tratando da codificação de textos jornalisticos. É casado com Ana Lúcia Leite Ramos, pais de:

1.1.4.7.8.1 - Cássio Pereira Ramos
1.1.4.7.8.2 - Bruno Pereira Ramos
1.1.4.7.8.3 - Marcelo Agra Ramos Júnior

1.1.4.7.9 - Maria Lúcia Agra Ramos, solteira, natural de Campina Grande. Tem Licenciatura Curta (incompleta) em Estudos Sociais, realizada na atual UEPB. Há mais de oito anos vem se dedicando ao trabalho de arte-educação com crianças. Tem curso de Recreação Infantil feito na FUNESC em 1983. A partir de 1983, passou a ocupar o cargo de Professora Auxiliar no Centro Cultural de Campina Grande, lecionando várias disciplinas, todas ligadas à recreação de crianças. Assessora, ainda, vários trabalhos de arte nas escolas comunitárias da periferia de Campina Grande. É recreadora infantil em festas e comemorações para crianças e participa, como atriz, de dramatizações, danças e mímicas, envolvendo crianças que estudam no Centro Cultural de Campina Grande.

1.1.4.7.10 - Paulo Roberto Agra Ramos, nasceu em Campina Grande. É graduado em Direito pela UEPB de Campina Grande. Atualmente, é advogado militante no Tribunal do Júri da Comarca de Campina Grande e outras Comarcas, tanto da Paraíba, como de outros estados do Nordeste. Já patrocinou várias defesas nos Tribunais dos Júris destas Comarcas. Em 1991, foi escolhido pela imprensa campinense como o "Advogado do Ano", tendo recebido da Câmara Municipal de Campina Grande, um voto de aplauso pelo título outorgado. É casado com a advogada Eurinalda de Souza Agra e sem descendentes.

Minha foto
aos 16 anos.

Herotides Ramos,
meu esposo, em 1933,
ano do nosso
casamento.

Meus pais Josino da Costa Agra e Leonília Agra de Souza Campos (Iaiá).

Foto do meu aniversário aos 70 anos.

Major Avelino Rodrigues de Souza Campos, meu avô materno.

Tenente-Coronel Honorato da Costa Agra, meu bisavô.

Brasão de Armas da Família Agra

DESCRIÇÃO

"Um escudo esquartelado no primeiro quartel em campo de ouro, um rochedo agreste da sua cor; no segundo quartel em campo verde, uma faixa negra fimbrada de ouro e assim os contrários".

O Brasão de Armas da Família Agra está registrado na Chancelaria de Dom Luiz I, livro 18, folha 86 e no cartório da Nobreza, livro 9, folha 111.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

Largo de São Bento

LISBOA - PORTUGAL